

JOSÉ J. VEIGA

# A hora dos ruminantes



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by herdeiro de José J. Veiga

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Agradecemos a Gregorio Dantas pelas sugestões de leitura sobre o autor.

*Capa*

Kiko Farkas e André Kavakama/ Máquina Estúdio

*Ilustração de capa*

Deco Farkas

*Foto do autor*

DR/ Kaulino/ Arquivo pessoal da família

Todos os esforços foram feitos para determinar a origem da imagem publicada neste livro, porém isso não foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes caso se manifestem.

*Preparação*

Lígia Azevedo

*Revisão*

Luciane Helena Gomide

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Veiga, José J.

A hora dos ruminantes / José J. Veiga. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2537-1

1. Ficção brasileira I. Título.

14-13143

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira

869.93

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

Prefácio — Antonio Armoni Prado, 9

A chegada, 21

O dia dos cachorros, 58

O dia dos bois, 118

*Sugestões de leitura*, 141

*Sobre o autor*, 145

# A chegada

A noite chegava cedo em Manarairema. Mal o sol se afundava atrás da serra — quase que de repente, como caindo — já era hora de acender candeeiros, de recolher bezerros, de se enrolar em xales. A friagem até então contida nos remansos do rio, em fundos de grotas, em porões escuros, ia se espalhando, entrando nas casas, cachorro de nariz suado farejando.

Manarairema ao cair da noite — anúncios, prenúncios, bulícios. Trazidos pelo vento que bate pique nas esquinas, aqueles infalíveis latidos, choros de criança com dor de ouvido, com medo de escuro. Palpites de sapos em conferência, grilos afiando ferros, morcegos costurando a esmo, estendendo panos pretos, enfeitando o largo para alguma festa soturna. Manarairema vai sofrer a noite.

Os cargueiros vinham descendo a estrada, quase casados com o azul geral. Mas uns homens que estavam na ponte tentando retardar a noite perceberam o sacolejo das bruacas, o plincar dos cascos nas pedras, se interessaram. Podia ser carregamento de toucinho, mantimento escasso. Enquanto esperavam

a confirmação, acenderam cigarros, otimistas. Falaram da carestia, da falta de quase tudo, lastimaram a gordura de vaca, uma porcaria que gruda nos beiços e deve grudar também na máquina do corpo lá por dentro.

— Nem cachorro gosta. O meu cheira e refuga.

— Por isso é que está havendo tanta doença de estômago, de intestino.

— Dizem que o sal também não tarda a faltar. Em Valdivúria já não está tendo.

— Vai chegar o dia de faltar tudo.

— É o fim do mundo que vem aí.

— Que fim do mundo! Mundo lá tem fim?

— Eu cá acredito. Quem fez o mundo pode muito bem acabar com ele.

— Conversa de padre pra amedrontar. Então quem fez o mundo ia ter o trabalho de fazer para desmanchar depois? Mundo não é qualquer brinquedo de menino.

A água cochichava debaixo da ponte, fazendo redemunho nos esteios, borbulhando, espumando. Um arzinho frio subia em ondas, trazendo cheiro de areia e folhas molhadas. Sapos e grilos competindo, donos da noite. Mais cigarros foram fumados, os tocos jogados na água, desapontamento para os peixes. De repente, alguém se lembrou:

— E os cargueiros?

— É. Não passaram.

— Teriam voltado?

— Voltado pra onde? Não ata.

— Só se não eram cargueiros...

Tentativa ingênua de descartar o problema. Então todos ali não tinham visto — ou pelo menos entrevisto-os — animais trocando pernas ao peso da carga, os cavaleiros atrás estalando chicotes?

— Como é que não eram? Eu até contei mais ou menos. Uns oito ou dez.

— Eu contei dez, me atrapalhei. Capaz de ser mais.

Dez cargueiros sumindo na estrada certa, sem desvio? Era preciso uma explicação, o assunto não podia ficar no ar.

— Sabem o que é que eu penso? Era vontade demais de ver cargueiro com toucinho. Quando a gente quer muito ver uma coisa, acaba vendo em pensamento.

— E nós todos não vimos? E não contamos? Eu nem estava pensando em toucinho.

— Também pode ser animais soltos pastando por aí. Saíram do mato, entraram no mato.

A explicação era fraca mas passou. Para refutá-la era preciso arranjar outra; os cargueiros não podiam ficar suspensos no ar, enrolados em nuvens.

— É. Pode ser que seja isso. Eu não estou enxergando bem assim de longe, e muito menos no escuro.

— Agora que vocês estão falando, eu disse que tinha visto porque não quis contrariar. O que eu vi mesmo foi uns vultos embalados, não posso dizer que eram cargueiros. No escuro toda corda é cobra, todo padre é frade, como diz o ditado.

Mas problema enterrado é problema plantado, se diz. Da cidade outras pessoas também notaram os cargueiros. Cortando as conversas nas calçadas, nas esquinas, elas saíram no rumo da ponte, contando cercar os homens e indagar onde iam vender a carga. No dia seguinte madrugariam cedo e beberiam da água limpa. No caminho encontraram os que voltavam da ponte.

— E os cargueiros? Viram aqueles cargueiros?

— Era não.

— Morde aqui. Nós também vimos lá do largo. Foram pra onde?

— Sei lá pra onde foram.

- Não indagou?  
— Eu não. Quero lá saber de telhas?  
— Era só telhas?  
— Telhas. Adobes. Vasilhame de barro.  
— Ah, não era toucinho?  
— Por enquanto não.

Os outros fingiram acreditar, desconfiados. Com certeza o toucinho era pouco, ia ser vendido às bandas a quem oferecesse melhor preço, por isso aqueles estavam escondendo. O golpe era não mostrar muito interesse, levantar mais cedo amanhã e sair por aí farejando. Esperteza se vence com esperteza.

No dia seguinte a cidade amanheceu ainda sem toucinho, mas com uma novidade: um grande acampamento fumegando e pulsando do outro lado do rio, coisa repentina, de se esfregar os olhos. As pessoas acordavam, chegavam à janela para olhar o tempo antes de lavar o rosto e davam com a cena nova. Uns chamavam outros, mostravam, indagavam, ninguém sabia. Em todas as casas era gente se vestindo às pressas, embaraçando a mão em mangas de paletó, saindo sem tomar café, pisando em cachorros lerdos, cachorros ganindo, gente xingando, gente dando peitada em gente, derrubando chapéu, a algazarra, a correria. Todos deviam ter visto ao mesmo tempo, a parte alta do largo, as janelas dos sobrados, os barrancos estavam tomados de gente olhando, apontando, discutindo.

Seriam ciganos? Não estava parecendo. Cigano arma barraca espalhado e pendura panos por toda parte, em desordem; e aqueles lá acampam em linha, duas fileiras certas, medidas, deixando uma espécie de largo no meio. Também cigano não usa ter cachorros, e aqueles tinham, de longe se viam os bichos bodejando no capim, dando pulos e bocadas no ar, se perseguindo entre as barracas, espanando o ar com o rabo, alegres da vida, enquanto os homens andavam ativos carregando volumes, abrin-

do volumes, se consultando, sem tomar conhecimento da cidade ali perto. Seriam engenheiros? Mineradores? Gente do governo?

— Vamos lá ver, conversar, tirar a limpo — propôs alguém.

Outros pensaram, discordaram.

— Convém não. Se eles são soberbos, nós também devemos ser. Vamos se oferecer não.

— Pode ser que eles estejam querendo se assentar primeiro, amansar o chão; depois aparecem, se apresentam.

— É. Vamos esperar. Convém ir correndo pra lá não.

Manarairema esperou impaciente. Quem tinha janela com vista para o acampamento não arredava de perto, quando saía era só o tempo de correr ao fogão, tomar um gole de café no bico mesmo da cafeteira e voltar correndo para o posto. Ninguém almoçou direito, receando perder grandes acontecimentos enquanto estivesse à mesa, quem comeu alguma coisa foi em pé diante da janela, geralmente um simples pedaço de linguiça ou de carne espetado num garfo e passado ligeiramente na farinha, os olhos sempre no acampamento.

— Estão fincando um mastro. Pra que será?

— Dois deles estão aloitando no capim. Será que é briga?

— Estão brincando de jogar água uns nos outros.

— Agora é que eles vão almoçar. Estão formando fila com prato na mão.

De tardinha o povo já estava com medo que o dia passasse sem mais novidade. Nas rodas de conversa, formadas aqui e ali, quando ouviam passos de cavalo ou de gente andando mais depressa, as pessoas paravam de falar e ficavam atentas aos possíveis emissários. Os comerciantes ficaram de lojas abertas até mais tarde, mais por uma questão de cortesia com os estranhos, caso eles precisassem de alguma coisa — e também pelo bom nome de Manarairema; imagine-se o que os homens não iriam dizer se não pudessem comprar um maço de velas, uma garrafa de que-



rosene. Sentados de banda no balcão, ou numa cadeira empinada contra a parede, os comerciantes esperaram até tarde.

Manarairema foi dormir pensando nos vizinhos esquivos e fazendo planos para tratar com eles quando chegasse a ocasião. Quem se levantou no meio da noite e arriscou mais um olhar na direção dos pastos do outro lado do rio viu o acampamento ainda de fogos acesos e vultos trançando em volta.

O primeiro contato foi feito por padre Prudente, de volta de uma viagem eucarística. O padre e o ajudante vinham descendo a estrada pelo meio da manhã, as mulas de cabeça baixa para resguardar os olhos do sol, que vinha de frente. Já de vista da ponte encontraram dois homens com um surrão de água pendurado de um pau, cada um com uma ponta ao ombro, o surrão no meio, água escorrendo pelas costuras. Pelo hábito de ser tratado com deferência na estrada, padre Prudente virou-se para eles esperando o cumprimento, e eles nem tocaram no chapéu — o que podiam ter feito sem dificuldade porque não iam com as duas mãos ocupadas. O padre então cumprimentou, não para ensinar, mas para não passar por orgulhoso. Eles responderam? Fizeram como se não tivessem ouvido. O ajudante do padre, que vinha mais atrás e viu bem o desrespeito, cumprimentou alto, provocando. Os homens nem olharam, e como ensaiados começaram a assoviar uma toada muito sem graça, vai ver que inventada por eles mesmos. O ajudante alcançou o padre e comentou:

— Viu essa, monsenhor?

— É, Balduíno. Esses parece que não gostaram de nós — disse o padre, conformado.

Contando o caso depois, Balduíno diz que olhou para trás justamente quando um dos homens fazia um gesto feio na direção deles, com a mão direita erguida acima da cabeça.

— O que me segurou de dar uma lição naqueles cornicocos foi eu saber que monsenhor não gosta de valentias.

Se aqueles homens eram como Balduíno estava contando, empanturrados e atrevidos, Manarairema ainda ia ter muita dor de cabeça com eles. Ainda bem que ninguém tinha ido se oferecer, para não voltar de rabo entre as pernas. E havia de ser muito engraçado se o dono do pasto onde eles estavam chegasse de veneta da fazenda e desse ordem de levantarem acampamento a toque de caixa. Porque seu Júlio Barbosa era homem para isso. Pessoa correta estava ali, mas com ele ninguém brincava. Seu Júlio era desses que quando saem à rua limpam a cara de qualquer sorriso para desanimar brincadeiras, e quando dão bom-dia a alguém é como quem manda, e a pessoa passa o resto do dia preocupada, com medo de desobedecer. Ele era bem capaz de entrar no acampamento, chamar o chefe lá deles, cumprimentar corretamente, e antes mesmo de ouvir a resposta dar a ordem de mudança, virar as costas e ir embora sem mais conversa. Isso era o que a cidade já estava desejando.

— E se os homens não saírem?

A dúvida era de Balduíno, já com alguma experiência; mas ninguém quis se demorar nela, nada igual tinha acontecido antes, e se acontecesse agora Júlio Barbosa saberia o que fazer.

— Eles saem. Não tem barriga-me-dói.

Com essa fria certeza, e com a pouca disposição que os homens mostravam de se chegar, o povo voltou a suas atividades, fazendo de conta que não havia gente estranha ali a dois passos de suas casas. À noite, quando iam fechar as janelas para dormir e davam com os olhos no clarão do acampamento, as pessoas procuravam se convencer de que não estavam vendo nada e evocavam aquele trecho de pasto como ele era antes, uma clareira azulada na vasta extensão da noite rural. A vizinhança incômoda, os perigos que pudessem vir dela eram eliminados por abstra-

ção. Mais tarde podia haver sonhos com os homens figurando como inimigos, mas eram apenas sonhos, vigorantes somente na escuridão dos quartos, solúveis na claridade do dia.

Mas acampados tão perto, e fazendo grandes obras nos terrenos da velha chácara de Júlio Barbosa, era natural que os homens de vez em quando esbarrassem com alguém da cidade. Isso aconteceu com Geminiano Dias, proprietário de uma carroça de aluguel. Geminiano estava carreando estrume para horta, numa das viagens foi interpelado na cerca do pasto por um homem alto, queixudo, de cabelo cortado à escovinha:

— Negociar a carroça, caboclo?

Geminiano não gostou dos modos, e para mostrar que não tinha gostado continuou viagem, sem parar nem olhar. O homem avançou para o lanço seguinte da cerca, insistiu:

— Negociar a carroça? Pago bem.

— Nhor não — respondeu Geminiano por muito favor.

O homem não desistia. Avançou mais um lanço, falou mandando:

— Pare um pouco. Pode parar não?

— Posso não. Se pudesse, eu ficava parado em casa.

O homem mergulhou rápido por baixo da cerca, deu uma carreirinha e cortou a frente da carroça.

— Um momento, rapaz — disse. — Quando um burro fala, o outro para para escutar.

— Não entendo conversa de burro — disse Geminiano. — Com burro eu falo é com isto aqui. — E mostrou o chicote erguido.

Nessa altura o burro já tinha parado espontaneamente. O homem alisou o focinho dele, pensando. Resolveu não pegar o peão. Quem está em posição mais alta, e armado de chicote, leva vantagem. Negociou:

— Burro é modo de falar. É um ditado da minha terra.

- Daqui também.
- Não vende mesmo a carroça?
- Vendo não.
- Então aluga?
- Alugar alugo. É o meu ofício.

O homem animou-se e segurou uma banda da rédea, dando a impressão de querer tomar conta da carroça imediatamente.

— Convém se afastar. O burro é espantado — avisou Geminiano.

- É espantado? Então não serve. Alugo só a carroça.
- E quem é que vai puxar a carroça?
- Temos animais aí. Bons animais.

— Ah, mas eu não trabalho com outro animal. De mais a mais, tenho aí o Serrote, não preciso de outro.

— O senhor não entendeu. Eu só quero a carroça. Não preciso de burro nem de carroceiro.

— Quem não entendeu foi o senhor. Quando eu alugo a carroça, alugo só o serviço. Quem manobra ela sou eu mesmo. Com o meu burro.

— É, mas eu só quero a carroça. O senhor desce e leva o burro puxado. O esterco o senhor despeja aí num canto — disse o homem, já levando a mão ao arriame para desatrejar.

— Ora, vá caçar coberta — disse Geminiano, e chicoteou o burro com raiva, deixando o homem apatetado na beira da estrada.

A história espalhou-se depressa, e Geminiano recebeu elogios gerais por ter sabido pôr o homem em seu lugar. Então aquilo era maneira de tratar negócio, falando de cima, e metendo a mão, e dando ordem, como se eles fossem donos de tudo? Mas quando a notícia chegou na venda de Amâncio Mendes, houve discordância. Falando gritado, como era seu costume, Amâncio roncou para ser ouvido até na rua:

— Esse tição é muito é besta. Só porque arranjou uma carroça, pensa que virou gente. Haverá de ser comigo.

Por acaso seu Justino Moreira estava na venda, e como comprador do esterco achou que devia defender Geminiano.

— Mas, se ele tinha serviço começado, não podia parar no meio.

Amâncio caiu em si. Não tencionava desfeitear Justino, homem tão correto, amigo. O mal de se falar por falar, quando não há necessidade de abrir a boca. Que tinha ele de abrir fogo contra Geminiano, e logo a favor daqueles homens? Agora era tarde, o dito estava dito, ficava feio recuar na vista de tanta gente.

— É, mas ele errou. Não tinha nada de maltratar o homem. Fosse comigo, ele descia da carroça. Não aceito proeza de preto.

Tendo dado a sua opinião, e na frente de todos, Justino achou que a sua obrigação estava cumprida. Insistir seria puxar briga sem necessidade. Amâncio podia brigar como quem espirra, não tinha responsabilidade de família, brigava para sustentar a fama de valente, às vezes até sem vontade nenhuma; tanto que, ultimamente, quando achava que estava chegando tempo de avivar a fama, se retirava para o quartinho do fundo da venda, bebia umas boas lambadas de pinga e saía escorvado, pronto para estourar com o primeiro que falasse com ele; não respeitava ninguém, qualquer pessoa servia, o objetivo era travar uma briga bem barulhenta, para ser ouvida e comentada.

Geminiano era um preto risonho, manso por fora mas espinhento por dentro. Quando alguém lhe dizia alguma coisa que não caía bem, ele parava o riso no meio e virava o avesso do pano. As crianças gostavam dele por causa dos passeios de carroça que ele concedia e das rapadurinhas de açúcar que distribuía, alvinhas, lisinhas como tábuas cepilhadas, tão perfeitas que dava pena quebrá-las para comer; mas os pais dos meninos o respeitavam por sua mania de querer tudo muito claro e explicado. Para

ele negócio combinado era como promessa devida a santo, tinha de ser cumprido custasse o que custasse, não valiam queixas de través, palavras jogadas no ar para tirar o corpo de uma combinação que não estivesse interessando mais. A própria mulher de Geminiano às vezes se queixava, dizia que ele estava se prejudicando por querer levar tudo a canto de esquadro, quando outros não faziam assim. Ele explicava:

— Eu sou preto, tenho de ter o meu muro muito branco. Não posso relaxar. Se eu deixar cada um ir rabiscando o que quiser, onde é que vamos parar?

Como era de se esperar, a bravata de Amâncio Mendes acabou alcançando os ouvidos de Geminiano. Quando soube, Geminiano passou o resto do dia e quase toda a noite pensando no que devia fazer para manter o muro limpo. Ele e Amâncio vinham se dando bem mas sem muito agarramento. Não havia muita intimidade entre eles, da parte de Amâncio por certa restrição a pretos, da de Geminiano por desaprovação às maneiras estouvadas de Amâncio. Compreendendo que qualquer atrito teria consequências sérias, eles se poupavam, se limitavam ao estritamente necessário à vida num lugar pequeno. Agora Amâncio saía-se com aquela provocação estabanada, e pelas costas de Geminiano. Um problema para Geminiano.

Por que a provocação sem motivo? Será que Amâncio estava de combinação com os homens? Se estava trabalhando por encomenda, devia estar preparado para o troco. Pois não haveria troco enquanto Amâncio não o provocasse de frente. Geminiano tinha uma garrucha em casa, ia passá-la da gaveta para a cintura e, no mais, continuar inocente. Ia fazer de conta que não tinha ouvido nada e até continuar comprando na venda de Amâncio, por mais que custasse falar naturalmente com ele. Se tivessem de brigar, seria uma briga limpa — mas quem tinha de começar era Amâncio.

Amâncio ficou sozinho na defesa dos homens do acampamento; todos mais acharam que, sendo Geminiano o dono da carroça, era ele quem devia dispor dela. Então só porque uma pessoa tem dinheiro, ou arrotas que tem, sai esfregando notas no nariz dos outros e tomando posse do que tem dono? Nessa marcha, amanhã um de nós está sossegado em sua casa, descansando na rede, entra um estranho porta adentro e sem dar bom-dia vai dizendo sua casa me agradou, vou ficar com ela, está aqui o dinheiro, trate de ir retirando os seus badulaques, ou então deixe aí que eu pago também e mando jogar fora. Geminiano estava muito certo, e podia contar com o apoio de todos se os homens quisessem tirar vingança. Ninguém devia se preocupar com Amâncio, o prazer dele era contrariar todo mundo para ver se arranjava uma briga. Se todos estivessem censurando Geminiano, era quase certo que Amâncio estaria do lado dele. Quem é que aguenta um homem assim? Não era à toa que ele vivia sozinho no mundo, separado dos parentes, sem família e vai ver que até sem amigos: aquelas poucas pessoas que ainda se incomodavam com ele e iam procurá-lo pelas bibocas da beira do rio, pelos capinzais dos arrabaldes, onde ele caísse depois de uma bebedeira, procediam mais por pena do que por amizade. Amizade é uma estrada de ida e vinda, e com Amâncio não tinha vinda; quem desse a mão a ele para erguê-lo do chão ainda corria o risco de receber desfeita. O que salvava Amâncio era o bom coração, mas mesmo esse só se mostrava depois de um vexame grande, e quando a lembrança dele ainda estava viva; aí ele passava de demo a dama, não sabia o que fazer para agradar, dava presentes a torto e a direito, forçava as pessoas a comprarem fiado, perdoava dívidas, zangava-se com quem não aceitasse o perdão, tanto agrado até enjoava. Por isso era difícil aceitar briga com Amâncio. Dr. Nelório de Moura, por exemplo, que chegara a Manarairema com duas mortes nas costas, questão de família,

e que não vivia mostrando os dentes, foi expulso da venda aos gritos por causa de uma reclamação a respeito de um saco de feijão bichado que Amâncio lhe teria vendido. Dr. Nelório não reagiu nem deixou de falar com Amâncio, e um dia disse na farmácia que Amâncio Mendes era uma cruz que Manarairema tinha de carregar com paciência.

Mas com Geminiano podia ser diferente. Ele não tinha a posição nem o sossego de dr. Nelório, que não precisava mais mostrar quem era para ser respeitado, por isso podia passar por cima de certas coisas sem se desmoralizar. Para Geminiano tudo custava mais caro. Por isso todo mundo receava um desfecho sem graça para o insulto de Amâncio.

Padre Prudente mandou chamar Geminiano pretextando necessitar do carroto de umas telhas, rodeou, apalpou, entrou no assunto:

— Quase ficamos sem a sua carroça... Eu soube.

Geminiano não entendeu logo, de repente entendeu. Espiga de milho se abrindo em brancura de dentes, a explicação:

— Teve perigo não. Eu expliquei pra ele como é o nosso costume aqui.

Ainda bem que era apenas uma diferença de costumes.

— Então não houve discussão?

— Não dei tempo. Quando me aborreci choutei o burro e vim embora.

— Fez bem, Geminiano. Quando um não quer, dois não brigam.

Agora o outro assunto. Padre Prudente pensou, assoviando entredentes. Quando já tinha o caminho traçado, falou, repetindo:

— Fez muito bem. Manteve a sua norma e evitou briga.

Geminiano entendeu o apoio e mostrou que tinha entendido:

— Mas outros não acham.

— E o que é que tem? É uma andorinha sozinha.



— Eu sei, padre. Mas fiquei muito aborrecido. Aliás ainda estou.

Padre Prudente voltou a assoviar baixinho. Não queria falar sem pensar, dar um conselho formal para ficar livre da obrigação. Finalmente falou:

— De duas uma, seu Geminiano. Ou ele falou por falar, pelo costume de se mostrar, ou foi para ofender. Se foi sem querer, não houve ofensa. Agora, se foi de caso pensado, ele deve estar doido que o senhor retruque. Se o senhor retrucar, está fazendo a vontade dele. Se ele precisa brigar para viver, que vá brigar com as pedras, bater a cara na porta. Um homem como o senhor só deve brigar para defender a casa, a família, a integridade física. Se um dia ele tocar no senhor, o senhor tem todo o direito de reagir.

Geminiano ficou olhando longe, pensando. Padre Prudente soprava um assovio discreto, respeitoso.

— E se ele continuar falando? — objetou Geminiano.

— Sim. O que é que tem?

— Eu acabo desmoralizado se não tomar providência.

— Acaba não. Ninguém desmoraliza ninguém. Quando a conversa de um desmoraliza outro, é porque o outro já estava desmoralizado. O que vale não é o que um diz, é o que o resto vê. O senhor sai por aí disfarçado de forasteiro e pergunta de porta em porta que qualidade de pessoa é um Geminiano Dias, depois me diz qual foi o resultado.

Geminiano riu desapontado, satisfeito. Padre Prudente sabia aproveitar as palavras. A fala de cada um devia ser dada em metros quando ele nasce. Assim quem falasse à toa ia desperdiçando metragem, um belo dia abria a boca e só saía vento.

De repente Geminiano sentiu a garrucha debaixo da camisa — grande e pesada como um machado, inútil, incomodando. Padre Prudente viu o despeito e sorriu leve. Não ia dizer nada,

mas também não ia disfarçar, Geminiano precisava passar por aquele acanhamento, era parte da lição. Finalmente o socorro:

— Quando é que o senhor pode trazer minhas telhas?

— Na semana que vem, se o senhor não tiver pressa.

A combinação de fingir desinteresse pelos homens enquanto eles não se chegassem parece que foi tomada precipitadamente, sem levar em conta a curiosidade do povo em geral. Logo nos primeiros dias certas pessoas independentes passaram a fazer ponto na cerca do pasto, na esperança de estabelecer contato, de apurar qualquer coisa. Ficavam ali horas ao sol, aguentando calor e mosquito, de olhos no acampamento, e os homens lá, indiferentes, trabalhando ou descansando. Como essas pessoas não tinham muito o que contar na volta, inventavam conversas com os estranhos, outras se interessavam e iam também dar uma olhada. Muitas levavam merenda de doces, biscoitos, palhas de farofa, comiam sem prestar atenção porque o sentido estava no acampamento, derrubavam migalhas por toda parte, formigas se juntando, gente sapateando, dando tapas nas pernas.

Mesmo não prestando atenção aos curiosos, parece que os homens se aborreceram com aquele ajuntamento sistemático e deram para estender roupa numa corda esticada diante da cerca, justamente no ponto mais devassado. Algumas pessoas ainda tentaram subir nos fios da cerca, mas os grampos espirravam com o peso, o arame escorregava para baixo antes que elas tivessem tempo de ver qualquer coisa. Não vendo vantagem em ficar plantado diante de um tapume de panos (parece que os homens nunca recolhiam aquelas roupas), o povo conformou-se em continuar olhando o acampamento de longe. Quem passava a cavalo na estrada, erguendo-se nos estribos, conseguia uns lampejos da vida lá do outro lado — cenas de trabalho, de recreio, de

descanso, atos isolados que nada significavam para quem não podia juntá-los nem sabia o desígnio que os comandava.

À noite a fogueira e os lampiões do acampamento queimavam até tarde, da cidade via-se o clarão entre as folhagens, e quando o vento era favorável chegava-se a ouvir vozes e risos e ondulações esgarçadas de música; mas o povo não prestava maior atenção, aquilo já fazia parte do cenário natural da noite, não chegava a perturbar o sossego.

Manarairema já não se preocupava tanto com os homens, e quando alguém falava neles era como quem se refere a realidades familiares — o calor, doenças, a carestia — o acostumado, o absorvido. Mesmo Amâncio Mendes, antes tão pronto a gritar em defesa deles, agora parecia desinteressado. Para todos os efeitos era como se a tapera de Júlio Barbosa continuasse abandonada — ou como se aqueles homens sempre tivessem vivido lá; tanto que, quando Geminiano informou que estava carreando areia para a tapera — e não disse para noticiar novidade, falou apenas para justificar a impossibilidade de aceitar outro serviço no momento — ninguém arregalou os olhos, ninguém estranhou, ninguém duvidou. Transportar lenha, gêneros, material de construção, tudo que coubesse na carroça, até porco em pé, era o ofício de Geminiano. Aquela carroça era um utensílio público, servia a todos que tivessem paciência de esperar a vez. Quando o desempenho de um serviço mais bruto obrigava Geminiano a parar uns dias para conserto, todo mundo se interessava, queria saber se o estrago era grande, quanto tempo ia demorar parado, se Geminiano estava prevenido para a despesa (nisso indo um pouco de esperteza porque, se ele aceitasse dinheiro emprestado ou adiantado, o emprestador julgava-se no direito de passar na frente de outros), muitos iam ver a carroça parada e opinar sobre a maneira mais rápida de reparar o estrago. A carroça quebrada era como uma pessoa doente.

Agora Geminiano estava trabalhando para os homens da tapera. Com certeza eles esperaram a vez, Geminiano não era de proteger ninguém, muito menos aquela gente. Mas por que estava demorando tanto? Os clientes começaram a se impacientar.

— Que tanta areia você carrega, Gemi? Quando é que acaba?

— Os homens lá é que sabem. Eles esperaram a vez.

— Falta muito?

— Não tenho ideia.

Um mês já naquele serviço, duas, três viagens por dia conforme o correr, e ele ainda não sabia quando ia parar. Na praia das lavadeiras já havia um buraco enorme, por ele se podia calcular quanta areia estava amontoada na tapera.

— Para que eles precisam de tanta areia?

— Obras. Para que mais podia ser? Estão fazendo grandes obras.

A curiosidade voltou de baque. Era preciso saber que obras, e para que, e só Geminiano poderia informar. Cada vez que ele passava a ponte voltando da tapera um bando o cercava, mais gente ia aderindo pelo caminho, ao entrar no largo já arrastava uma multidão, ou era empurrado por ela, todos falando ao mesmo tempo, nem bem ele respondia uma pergunta outras eram feitas aos gritos, os mais atirados subiam na carroça e puxavam a roupa de Geminiano exigindo atenção, uns o pegavam pelo queixo, outros iam ao lado emparelhados com ele sacudindo-o pela manga, pela barra da calça, os nanicos dando pulos para captar o que ele dizia, de vez em quando um se distraía e tinha o pé mordido pela roda da carroça, afastava-se pulando com o pé no ar, desistia de acompanhar e ficava olhando o rolo se distanciar.

Da confusão de muitas perguntas e poucas respostas, deduzia-se que os homens estavam fazendo restaurações, puxados, melhoramentos diversos, mas o que era precisamente ninguém ficava sabendo, Geminiano só dizia que estavam derrubando paredes, levantando paredes, entelhando, rebocando, pintando.